

# OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Editor e Director-proprietario: CAETANO ALBERTO DA SILVA

Preços de assignatura	Anno 36 n.ºs	Semest. 18 n.ºs	Trim. 6 n.ºs	N.º à entrega	35.º Anno — XXXV Volume — N.º 1212	Redacção — Atelier de gravura — Administração Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4 Composto e impresso na Typ. do Anuario Commercial Praça dos Restauradores, 27
Portugal (franco de porte) m. forte...	3\$800	1\$900	650	120	<b>30 de Agosto de 1912</b>	Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe e dirigidos à administração da Empresa do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos.
Possessões ultramarinas (idem) .....	4\$000	2\$000	—	—		
Extrangeiro e India.....	5\$000	2\$500	—	—		



Dr. Veloso Rebelo

Dr. Eduardo Lisboa

Dr. Belfort Ramos

O NOVO MINISTRO DO BRASIL EM PORTUGAL, DR. EDUARDO LISBOA COM OS SECRETARIOS DA LEGAÇÃO  
(Cliché de A. Lima expressamente feito para o «Occidente»)

## CRONICA OCCIDENTAL

Quando tanto se fala da emigração que despovoa as nossas terras, para ir povoar as duas Americas, emigração que, especialmente, nos ultimos dois anos tem tomado proporções assustadoras, o que se verifica pela duplicação dos numeros que as recentes estatísticas accusam, sejam permitido que este assunto, pela sua importancia, tenha a preferencia da cronica, que se não é dos mais agradaveis, é certamente dos mais uteis.

Todos os povos emigram e, principalmente os insulanos pelo natural excesso de população; a emigração tem formado nações e estendido pelo mundo os seus efeitos civilisadores.

Quando ela, porém, excede os limites rasoa-veis, torna-se sintoma de miseria do país dende se emigra.

Ha a miseria irremediavel dos povos que vivem em torrão ingrato e clima inhospito, donde só lhe resta fugir como de terra maldita; ha a miseria, como direi... voluntaria, daqueles que nascem em terra agradecida, fértil, sob um clima benéfico, e não sabem aproveitar, explorar a riqueza propria

Não sabem!

Como é triste dizel o, tanto mais quando este termo se refere não só ao povo ignaro, porque o não ensinam, mas áqueles que o deviam ensinar, aos que dirigem os seus destinos, aos que fazem leis, e lhes pesam as responsabilidades de quem governa.

E' por isso que um enviado do *Temps* a Lisboa, para estudar a nossa situação politica, financeira e economica, disse que: «Portugal é um país rico num Estado pobre.»

A novidade não colheu, mas a afirmação do estrangeiro, sempre tira as duvidas de muitos que, acaso, julguem este país perdido.

«Portugal é um país rico num Estado pobre», disse o enviado do *Temps*, que mal teve ocasião para observar este extremo do Occidente. Que diria ele se visse os arquipelagos portugueses e o nosso imperio colonial?!

Seríamos uns mentecaptos para não nos chamar criminosos.

E da terra portuguesa, deste torrão privilegiado emigra-se assustadoramente para as duas Americas, sem que os governos, pelo menos, tenham desviado essa emigração para as nossas colonias, como naturalmente estava indicado

Por muito dinheiro que isso custasse ao tesouro, não teria mais larga compensação, que outras enormes quantias gastas sem resultados positivos?

Mas todo o tempo é tempo e mais vale tarde do que nunca, é o que ha a esperar dum *Projeto de Colonização de Angola*, agora apresentado pelo sr. José Barbosa á comissão parlamentar de senadores e deputados, que está funcionando, no interregno do Parlamento, com poderes para discutir e converter em lei os projetos respeitantes ás colonias.

O projeto, que compreende 23 artigos com seus paragrafos, visa, em resumo, a promover a emigração portuguesa para a provincia de Angola, autorizando o governo a conceder a empresas portuguesas, areas não excedentes a 500:000 hectares, divididas em lotes não inferiores a 1:000 hectares, mediante o fóro anual de 100 réis por hectare explorado e 5 réis pelo não explorado ou cedido a colonos.

Os terrenos cedidos para explorações agricolas serão marca-los quanto possível proximos das vias ferreas existentes, assim como proximos de rios, donde partirão canaes para irrigarem os terrenos que disso careçam.

Em cada lote serão construidas pelas empresas concessionarias casas de habitação confortaveis, e aos colonos fornecidas todas as alfaias agricolas, sementes, animais para trabalho assim como auxiliares indigenas.

As empresas colonisadoras subsidiarão os emigrantes desde que deixem as suas terras e lhe pagarem as passagens até ao ponto em que se fixarem.

Os terrenos serão cedidos por sua vez pelas Empresas aos colonos, mediante o fóro anual de 20 réis por hectare.

Uma conta corrente entre as Empresas e os colonos regulará as condições financeiras e economicas destes com as Empresas.

Varios artigos regulam e garantem as regalias e direitos de parte a parte, e asseguram aos colonos compensações vantajosas.

Nos limites da cronica não cabem mais esclarecimentos, mas o que fica dito é quanto basta

registrar do novo projeto, que oxalá não fique só no papel.

O assunto é de magna importancia e por isso não nos arrependemos de ele ocupar o melhor da cronica, pouco sobrando para registrar a chegada dos novos ministros da Alemanha e do Brasil, o primeiro dos quaes, sr. Von Rosen foi recebido no palacio de Belem por sua ex.<sup>a</sup> o Presidente da Republica, a quem o illustre ministro fez entrega, com toda a formalidade oficial, das suas credenciaes.

No discurso que o sr. Von Rosen pronunciou, encontram-se estas palavras tão gratas para Portugal, como gentilissimas, do illustre diplomata:

«Sinto-me feliz, Senhor Presidente por poder saudar, nesta ocasião, o veneravel chefe da Republica Portuguesa, ligada ao meu país por relações de interesses de importancia consideravel, assim como por vivas simpatias de longa data.



VON ROSEN

NOVO MINISTRO DA ALEMANHA EM LISBOA

Farei o possível por empregar todos os meus esforços para manter e desenvolver essas relações e ligar ainda mais os laços de amizade cordeal que existem, tão felizmente, entre a minha patria e este belo país».

A estas amistosas expressões correspondeu com igual gentileza o sr. dr. Manuel de Arriaga, interpretando os sentimentos do povo português.

O novo ministro do Brasil, sr. dr. Eduardo Lisboa, entregou hoje, (28), quando fechamos esta cronica, as suas credenciaes a que se alude no artigo que acompanha o retrato do novo ministro brasileiro.

E por fim uma outra nota simpatica e patriótica, qual foi a da apoteose feita aos heroes de Chaves, promovida em Lisboa pelo grupo *Pro-Patria*.

Estes heroes de Chaves, são os modestos soldados de cavalaria 6 que prenderam D. João de Almeida e o mestre de clarins Antonio de Azevedo que praticaram feitos que se encontram descritos no relato da ultima incursão dos conspiradores, publicado em o n.º 1208 desta revista a paginas 155.

A apoteose teve o caracter que devia ter, o de uma apoteose popular, que é a mais sincera e menos convencional. Elevou os heroes quem melhor os podia elevar e todos os brindes que lhes

fôram oferecidos, todos os discursos pronunciados em sua honra numa sessão expressa para esse fim, no Coliseu de Lisboa, tiveram a expressão da a'ma do povo, o entusiasmo delirante das multidões aclamando os seus heroes, como as trombetas de Jericó, soando aos quatro ventos, cantavam a vitória sobre o inimigo destruido.

De heroes se fez esta patria, construida pedra por pedra pelo valor dos portugueses. Heroismos tem este povo sempre praticado para reaver a independencia perdida, para conquistar as liberdades politicas e para firmar os seus direitos.

Se em outros tempos muitos dos seus heroes fôram largamente recompensados, não é justo que hoje o não sejam tambem, quando aliás o exemplo está aberto de pouco. Recompensem-se esses modestos soldados, esses espartanos, com mais alguma coisa do que festas e aclamações. Garanta-se-lhes, pelo menos, o futuro da vida, como eles garantiram a defeza da Republica.

CAETANO ALBERTO.



## O novo ministro do Brasil em Portugal

Dr. Eduardo Lisboa

Chegou no dia 20 ao Tejo, a bordo do paquete *Friçia*, o sr. dr. Eduardo Lisboa, novo ministro da Republica dos Estados Unidos do Brasil, junto da Republica Portuguesa.

Sua ex.<sup>a</sup> era aqui esperado desde o mez de junho, pois a sua nomeação para este alto cargo diplomatico, datava dos principios de maio, nomeação que não podia ser mais bem aceite do que foi pelo governo português, concorrendo no illustre brasileiro tão apreciaveis qualidades pessoais e de diplomata, acrescidas de laços de familia, sabendo-se que uma sua irmã é esposa do sr. conde de Linhares D. Nuno de Sousa Coutinho, das mais nobres familias portuguesas.

Assim que o *Friçia* fundeou, logo se dirigiram a bordo os srs. dr. Veloso Rebelo, encarregado dos negocios do Brasil e dr. Belfort Ramos, secretario da Legação, mais pessoal desta e do consulado, a cumprimentar o sr. dr. Eduardo Lisboa. Do Arsenal partiu, tambem para o mesmo fim, os srs. Batalha de Freitas, chefe do protocolo, e Alfredo Casa Nova, representante do sr. ministro dos estrangeiros, os srs. Vera Cruz, Teixeira de Macedo, filho, representando seu pae o consul geral do Brasil em Lisboa, conde e condessa de Linhares, sr.<sup>a</sup> D. Maria Gabriela de Sousa Coutinho, e sr. Carlos de Sousa Coutinho, cunhado, irmã e sobrinhos do illustre diplomata.

Aos cumprimentos officiaes, juntaram-se assim os cumprimentos de familia, que o sr. dr. Eduardo Lisboa vinha encontrar nesta cidade, o que decerto lhe tornará ainda mais agradável a sua estada neste país amigo tão intimamente ligado á sua patria, por laços de sangue e hoje ainda mais pelo mesmo regimen que governa os dois povos irmãos.

O sr. dr. Eduardo Lisboa é um diplomata de carreira, cheio de bons serviços á sua patria, pelas importantes missões de que tem sido incumbido e deque sempre se tem desempenhado com superior criterio e proveito para o seu país.

Principiando por adido de legação no Chile, nessa qualidade esteve tambem nas legações de Portugal e de Inglaterra, desempenhando por vezes o cargo de encarregado de negocios. O grande estadista brasileiro, barão do Rio Branco, conheceu bem o valor do sr. dr. Eduardo Lisboa como diplomata, pela parte importante que tomou na solução da celebre questão do Acre. Eguaes serviços prestou no Peru, na questão de limites, resalvando os interesses do seu país, não hesitando perante o estudo e trabalho que estes assuntos demandam.

O superior desempenho destas difíceis comissões, indicavam naturalmente o sr. dr. Eduardo Lisboa ao governo do Brasil, para fazer parte da delegação do seu país á Conferencia Internacional de Haya, e ali desempenhou importante papel revelando os seus vastos conhecimentos, sobre os assuntos que se trataram naquela reunião, honrando a sua patria.

Faltam nos dados mais minuciosos da carreira deste illustre diplomata, que sua modestia se escusa a publicar, mas os que podemos obter e aqui ligeiramente apontamos são de molde a poder se apreciar o valor do alto funcionario que, em Lisboa, vem representar a grande Republica dos Estados Unidos do Brasil.

O sr. dr. Eduardo Lisboa foi recebido por sua ex.<sup>a</sup> o Presidente da Republica, em 28 do corrente, no Palacio de Belem, para a entrega das credenciaes, acto que se realizou com as formalidades do protocolo, assistindo á recepção os srs. ministros dos estrangeiros, do interior, da guerra e da marinha, dr. Forbes Bessa, secretario geral da presidencia, Roque de Arriaga, secretario particular e Luiz Barreto, chefe do gabinete dos estrangeiros.

O discurso do novo ministro foi mais uma afirmação dos indissolúveis laços de familia que desde quatro seculos unem os dois povos e que o venerando Presidente da Republica Portuguesa mais estreitou ainda na sua resposta ao discurso do illustre diplomata brasileiro.

O grupo que reproduzimos na primeira pagina, foi tirado expressamente para esta revista, pelo nosso colaborador artistico sr. Alberto Lima, no palacio da Legação.

No grupo vê-se o sr. dr. Duarte Lisboa tendo á sua direita o sr. dr. Veloso Rebelo, encarregado de negocios, missão de que se tem desempenhado com a superior intelligencia de um espirito cultissimo, e á esquerda o sr. dr. Belfort Ramos, distinctissimo secretario da legação, cargo em que tem provado a sua intelligencia e zelo pelos serviços confiados á sua competencia.

Ao srs. drs. Eduardo Lisboa, Veloso Rebelo e Belfort Ramos cumpre nos agradecer a deferencia que tiveram para com o OCCIDENTE, permitindo o fotografarem se especialmente para a nossa revista.

R.



## Bulhão Pato

Quem ha hoje ali que possa falar, com conhecimento proprio, deste abencerragem duma geração de poetas que passou?!

Sim ele foi o ultimo dos romanticos que resistiu incolume, emmoldurada a frente na classica cabeleira dos poetas de então e, de ha muito retirado á sua teibaija do Monte de Caparica, donde uma ou outra vez se ausentava breve, e vinha engolfar-se nesta babiloniazinha de Lisboa, em que realmente vivera, mas em que já pouquissimos encontrava dos seus antigos confrades, que com ele realmente viveram tambem.

E como não devia ser assim se o autôr da *Paqueta*, que lhe corôara a frente de poeta, via desaparecer da vida uns após outros os amigos de outros tempos!

Dos seus olhos expressivos, de vivacidade intensa, gotejavam lagrimas de saudade e recolhia-se ao Monte, varado de tristeza, contando de cada vez, menos a'gum amigo, até que ficou só.

Quem ha de hoje, dar a impressão pessoal de Bulhão Pato, da sua individualidade fisica, mais singular, porventura, do que a sua individualidade moral?

O poeta ficou sagrado desde que Herculano e Rebelo da Silva lhe fizeram a critica da sua *Paqueta* filiando o nos poemas romanticos de Boiardo, de Ariosto, os *Orlandos*, até o de Fortiguerra, o *Ricciardetto*, da Italia.

Não fica por aqui a bagagem do poeta e do prosador. As *Canções da Tarde*, publicadas em 1867, esgotaram se. Vem depois as *Flôres Agrestes*, os *Cantos e Satiras*; traduz o *Mercador de Veneza* e o *Ruy Blas*; publica ainda *Satiras*, *Canções e Idilios*; por fim o *Livro do Monte*, já no seu retiro.

Sobre todas estas obras a critica se pronunciou, e com ela o poeta e o prosador subiu ao mais alto posto na milicia literaria.

Da fisiologia de Bulhão Pato escreve Zacarias d'Aça, no livro *Lisboa Moderna*, como que um tesouro de memorias, das raras que se encontram em nossos escritores. e são testemunhas que falam com conhecimento proprio das coisas e das pessoas.

Ninguem melhor o conheceu do que Zacarias d'Aça, que foi dos seus intimos, na que o acompanhou e com ele conviveu. Timas sua bela e inconfundivel prosa diz:

—quem não os tem? — mas ele seduzia-os e conquistava-os com a sua audacia — audacia dos novos — os seus versos e a sua eloquencia.

Pinheiro Chagas era eloquente, na tribuna foi por vezes eloquentissimo — mas ninguem o diria, se só o tivesse ouvido na conversação. Pato, ás primeiras palavras proferidas — a voz vibrante, a frase quente, o gesto animado, o estilo imperativo, descobriam logo nele o poeta e o orador — que ele não quiz ser na grande arena politica!

A' noite nos salões de então — de quando eu o conheci — quando ele entrava, ouvia-se — *Lá vem o Pato* — e os olhos voltavam-se curiosos e os rostos sorridentes para o recémchegado: é que ele trazia consigo luz e calor, e no intervalo das valsas e das contradanças, ás formosas flôres animadas, que adjavam como borboletas naqueles prados artificiaes de inebriantes aromas, ele dizia-lhes os encantadores versos:

Entrei no baile, quando a valsa rapida  
Corria as salas em airosas voltas

.....

e outros, e outros, que a Musa e elas lhe inspiravam...

O romper da manhã, muitas vezes, não era ali que ele o esperava, era já atravessando o Tejo com Osborne Sampaio, com Lopes Cabral, com Diogo de Vasconcelos, com José Galache, comigo, e quantos outros. A alvorada ouvia-a com o acordar da população maritima nos navios e barcos por onde iamos passando, ao som do cadenciado remar dos nossos catraieiros. Um banho refrigerante do ar fresco e iodado do mar aos pulmões, resequidos pela atmosfera quente e envenenada dos salões — assim retemperava ele o organismo sobrecitado, e em constante vibração.

Servindo nos duma comparação tirada da vida rustica, o poeta, como a abelha percorrendo os prados, quando vinha ao nosso encontro já nos trazia o mel, preparado pelo seu talento, das impressões que lá recebera, e repartia conosco as imagens graciosas, as pinturas animadas, os chistes, emfim, manjares para todos os gostos, e que, não raro, no decorrer do dia, nos compensavam da falta da caça, que nem a sua eloquencia atraia.

Unico entre nós, e só em Espanha lhe encontramos outro parceiro — o famoso literato e homem politico — D. José Guterrez de la Vega.

Não o conhecemos pessoalmente. Foi aqui, neste terreno da *Caça*, que nós idealmente nos achámos, quando o venerando e illustre mestre dos caçadores peninsulares ia já muito adeantado no declinar da vida. Ofereci-lhe os meus livros, e ele correspondeu-me com as suas primorosas edições dos classicos venatorios medievaes — principes e reis da sua Espanha. Era tambem uma figura original e cheia de relevo, pelo que se vê da sua vida e das suas obras, e, como Bulhão Pato, um completo peninsular.

Descendente de sangue illustre (1), nunca eu vejo o nosso poeta, que ele não me evoque um daqueles velhos *filhos dalgo*, trovadores e cavaleiros, que perpassam nas cronicas, nas dramaticas narrativas de Fernão Lopes, e por isso eu, se fôsse rico, muito rico, completava na vida a figura ideal do meu amigo. Chamava o nosso talentoso Adães Bermudes — que até já tem um nome medioevo — encarregava-o de me desenhar e construir um palacio acastelado — uma evocação dos tempos idos — e offerecia-o ao fidalgo poeta. Ahi, nesse meio suggestivo — as paredes decoradas com batalhas e lances do nosso velho e romantico prosador do seculo xv, poeta na forte e dramatica singelêsa dos seus quadros, dos seus retratos — ahi veria ele surgir, mais vivas, em volta de si, em tarde do outomno, á luz doirada e escoante dos soes poentes a ativa e formosa cabeça da perversa *Flôr de altura*, o fraco e formoso rei, o conde de Andeiro, as bravas figuras do seu Nuno Alvares... E dahi, atravessando a ponte levadiça do castelo senhorial, com os nossos amigos, donas e donzeis, moços do monte, galgos, alões e perdigueiros, iriamos caçar nas extensas e verdejantes varzeas, e nas selvaticas coutadas...

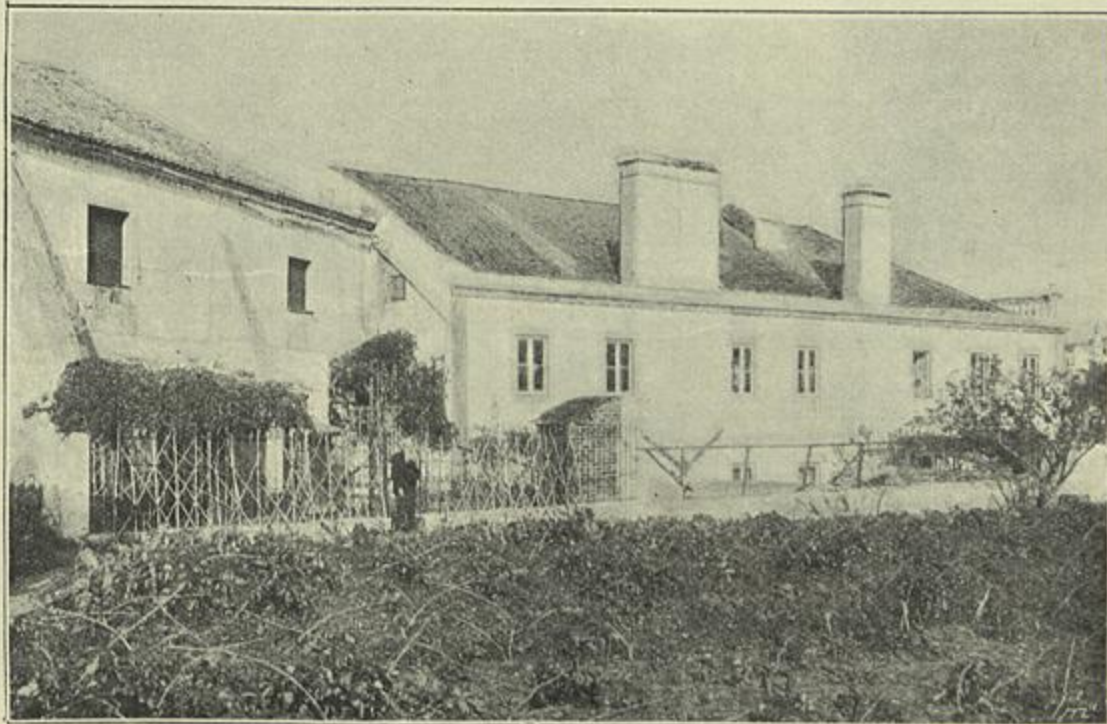
Mas, infelizmente para mim e para ele, isto não passa dum devaneio, duma fantasia de poeta para poeta!

Não teve, não, o palacio acastelado, nem solar nobre herdado de seus maiores, onde lhe iria bem a fidalguia da sua estirpe, teve de contentar-se com a modesta casa do Monte que, já agora, ficará celebre por ali ter findado a vida o ultimo dos poetas do romantismo e ali ter escrito seus ultimos versos, olhando da janela da sua salinha de trabalho, o cemiterio proximo onde repousam os restos finaes de seu pae e de seus irmãos D. Maria da Piedade e Francisco Antonio.

Fica num alto, e é bonito,  
O cemiterio d'aqui.  
Da casita onde eu habito  
Em dois passos... chego ali.

A's tardes, vou-me até lá;  
Tardes serenas de inverno

(1) Raimundo Antonio de Bulhão Pato, segundo official da primeira repartição da direção geral do commercio e industria, socio de merito da Academia das Sciencias de Lisboa, nasceu em Bilbao a 3 de março de 1829, filho de Francisco de Bulhão Pato, poeta e fidalgo portuguez, e de D. Maria da Piedade Brandy. Assistiu na sua infancia aos tres cercos de Bilbao e sua mãe lá ficou varada de balas. A familia depois de sofrer grandes desgostos e transtornos, decidiu-se a abandonar aquella terra e retirar para Portugal, em 1837. Educou-se no collegio do Quelhas donde passou ao Collegio dos Nobres. Aos 15 anos principiou a conviver com os homens de letras d'aquele tempo, Alexandre Herculano, Garrett, Andrade Corvo, R. Belo da Silva, Latino Coelho, etc. e aos 17 anos publicava o seu primeiro livro *Poesias de R. A. de Bulhão Pato*, a que se seguiu em 1862, *Versos de Bulhão Pato*. Em 1866 publicou a *Paqueta* e depois as outras obras a que o artigo se refere.



O poeta no seu horto

CASA DO MONTE DE CAPARICA ONDE FALLECEU BULHÃO PATO

.....  
«Bulhão Pato é para mim — sempre foi — uma dessas obras primas da natureza. E' muito pessoal — diziam de Garrett os seus contemporaneos, que o invejavam, mas que eram forçados a reconhecer-lhe a soberania intelectual. E' muito pessoal — diziam do poeta da *Paqueta*, mas onde ele chegava, ou lhe abriam fileiras, ou ele tomava o lugar de assalto. Rivaes e emulos tinha-os

Quando o sol se afunda já:  
Parece-me um lar paterno!...

Encerra tantos dos meus  
Aquele breve recinto,  
Que em lar paterno me sinto!

Oiço o mar; não fica longe,  
E' gratissimo escutar,  
Nesta solidão de monge,  
Os movimentos do mar!

E os meus sentidos absortos  
Nas memorias do passado  
Ouvem falar os meus mortos!...

E lá foi repousar enfim o poeta  
no... bonito cemiterio entre os seus  
que lá o esperavam.

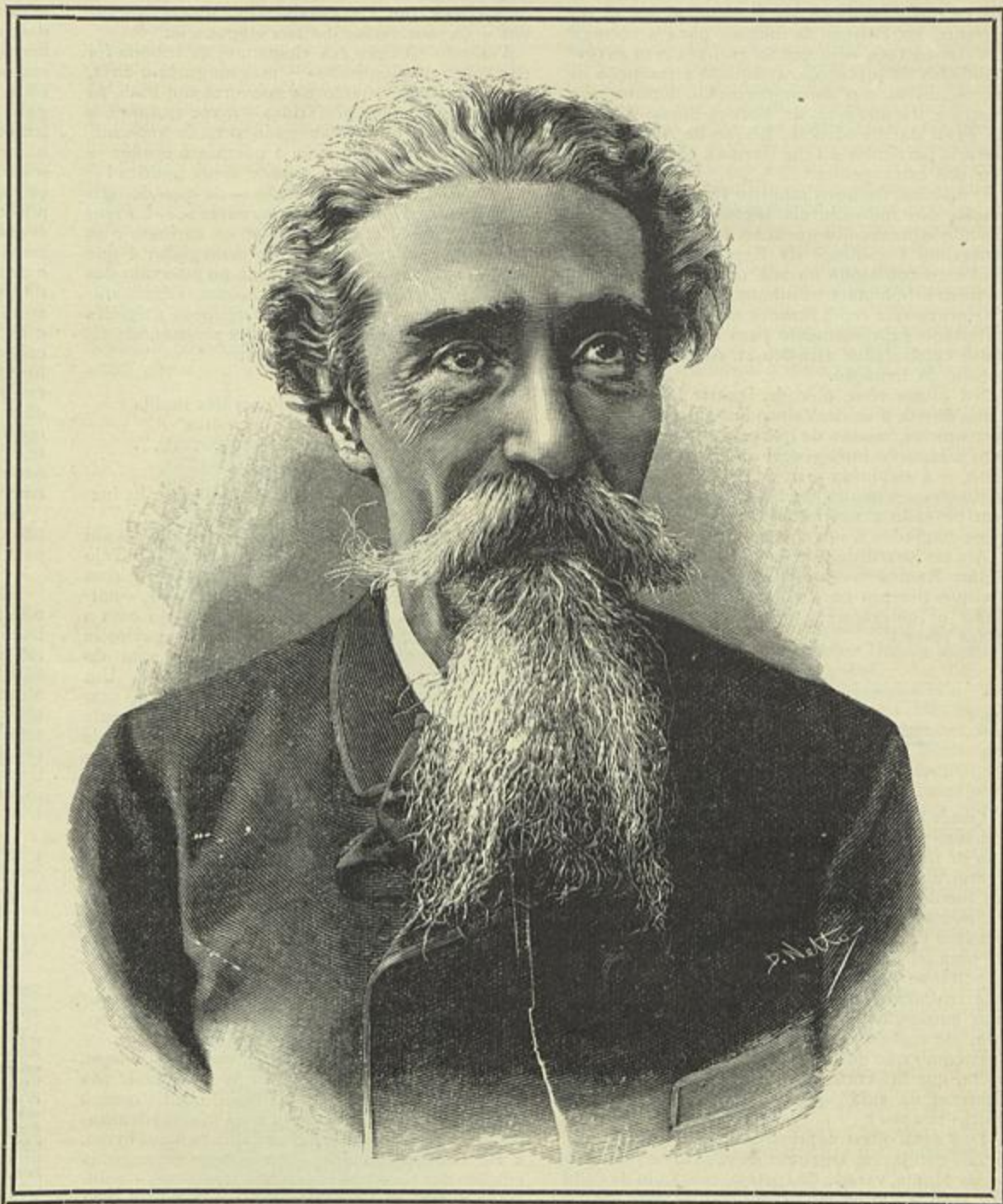
Estenso e dorido cortejo o acompanhau na ultima jornada. Eram os parentes, os seus amigos de agora, os seus admiradores, muitos lhe velaram carinhosamente o cadaver, como o haviam rodeado de carinhos nas horas extremas da vida, carinhos que a esposa querida lhe não podia prodigalisar, prostrada tambem no leito por doença grave, quando os oitenta e tres annos que pesam na veneranda senhora, mal a deixarão resistir ao profundo desgosto e funda saudade de vêr apartar-se do mundo o companheiro querido de toda a sua vida.

Na casa do poeta foram recebidos muitos bilhetes e telegramas de pesames e entre estes o de Sua Excelencia o Presidente da Republica, dirigido á veneranda viuva, concedido nestes termos:

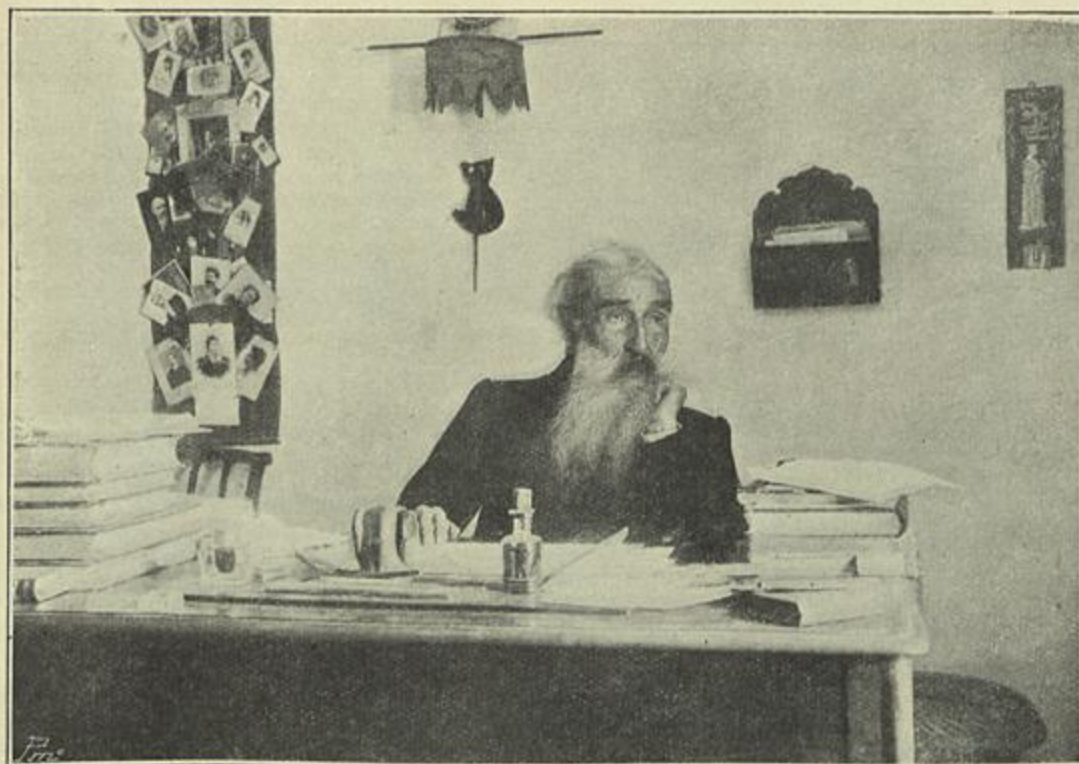
«Sua Ex.<sup>a</sup> o Sr. Presidente da Republica encarrega-me de apresentar a v. ex.<sup>a</sup> as suas mais sinceras condolencias pelo falecimento do glorioso e inolvidavel poeta Bulhão Pato, venerando e velho amigo de S. Ex.<sup>a</sup>, e á inseparavel companheira e estremosissima esposa o tributo da sua admiracão e respeito. Não podendo S. Ex.<sup>a</sup> comparecer no prestito, far-se-ha representar por seu filho e secretario particular (a) *Roque de Arriaga*.»

Bulhão Pato morreu com a *angina pectoris* ás 21 horas e meia do dia 24. Apagou-se aquella luz que até o derradeiro momento ainda tinha lampejos do seu grande espirito.

C. A.



BULHÃO PATO



O POETA Á SUA BANCA DE TRABALHO

## PELOS TEATROS

## Coliseu

Entre as várias operetas que a Companhia Granieri-Marchetti tem apresentado, não conhecidas do público de Lisboa, occupa um logar distinto a *Côrte de Napoleão*, extraída da conhecida e celebre peça de Victorien Sardou, *Madame Sans Gêne*.

Sendo de grande espectáculo e requerendo grande número de personagens, grande brilho de scenário e de vestuário, pôde dizer-se que foi apresentada com todos esses requisitos aos quais se aliou um desempenho muito regular, o que contribuiu para que a opereta caísse em agrado.

A música de Iran Caryll é muito expressiva, alegre e espirituosa como o requerem muitas das suas scenas.

A crítica que encerra os incidentes e personagens da época e a maneira graciosa como fôram adaptados ao género de teatro que os reproduz abonam suficientemente a excelencia da peça.

A interprete da lavadeira Sans Gêne, que depois foi duquesa de Dantzig, *Alda de Rubéis* deu excepcional valôr ao seu papel de dificeis cambiantes.

Do mesmo modo Amadeu Granieri no marchal Leferre, Antonio de Rubéis no Imperador e Elettez Fari na Imperatriz Josefina e todos os mais artistas.

Um conjuncto harmonioso e brilhante.

A. N.

### Tres Entradas Pomares - Gaio

(Impressões de passeio)

No domingo, 21 de julho, pelas 5 1/2 horas da manhã, em um carro grande, especie de diligencia, da cocheira do conhecido Antonio Joaquim, de Côja, eu e duas pessoas de familia, dirigimo-nos á povoação do Barril, freguezia de Villa Cova, concelho d'Arganil, onde nos esperavam os nossos amigos José Custodio Gomes e familia, Manuel Quaresma e filha, os irmãos José e Antonio Gomes e José Ignacio, todos d'ali naturaes, proprietarios no sitio e de veras dignos de referencias elogiosas, por quanto, desde muito novos, tem adquirido nos calos



OS HEROES DE CHAVES COM ALGUNS SOCIOS DO GRUPO «PRÓ-PÁTRIA» EM LISBOA  
AO CENTRO O CLARIM ANTONIO DE AZEVEDO, AOS LADOS OS SOLDADOS DE CAVALLARIA 6  
FRANCISCO PINHEIRO E ALBINO ADRIANO

do trabalho persistente e honrado, em que ainda continúam a labutar, o relativo bem estar do presente.

Eramos, ao todo, trese passageiros, quando saímos do Barril, para levar a effeito um passeio combinado. N'aquelle numero de trese inclúo, tambem, o respectivo cocheiro.

Assim, premunidos com farnel abundante e bom vinho que nos forneceu o delicado e sympathico Albano, irmão dos proprietarios dos Grandes Armazens do Chiado, cuja sucursal, n'aquelle localidade, se acha a seu cargo, seguimos pela estrada de Villa Cova, a Avôed'aqui, pela de Alvôco da Serra e Aldeia das Dez, ao local em que se



PELOS THEATROS — COLISEU DOS RECREIOS, A OPERETA «CORTE DE NAPOLEÃO»  
(Cliché Alberto Lima)

juntam as aguas do Alva e do rio ou ribeira d'Alvôco, por cima das quaes a arte assentou uma ponte de tres braços, correspondentes ás tres estradas a que serve de bifurcação,—a de Alvôco, a de Aldeia e a de Avô.

A' margem esquerda do Alva, quasi debaixo da ponte, para o lado do nascente, depois de lavadas as mãos na agua limpa e piscosa, sentámo-nos, com optima sombra de arvoredo encantador, para a já anciada refeição do almoço, frio e succulento, de que fôram compartilhantes alguns pastorinhos, quatro ou cinco, que vigiavam o seu armênto á nossa vista.

Após o almoço, a gente nova, do nosso rancho, folgou em dança de roda, com deliciosos cantares e inspirados sons de viola, até que voltámos ao vehiculo, cujas alimarias haviam sido desatreladas para indispensavel descanso e refazimento alimenticio.

E' dôce ao sonhador e deverá sê-lo ao poeta, o encontrar-se sobre a ponte das Tres Entradas, e cismar de enlevo, no aspecto da paisagem, não imponente, por ventura, mas grandioso.

Retrocedemos a Avô, para tomar a estrada de Pomares, em plena serra soberba, em que é casada a imponencia das altitudes soberanas com as abruptas fieiras pedregosas que atapetam a denominada ribeira corrente do referido ponto, — Pomares, logar bastante povoado, que atravessámos a pé e onde tambem nos prouve uma segunda refeição, em macia urze, abrigada dos ardentes raios solares por um velho e frondoso castanheiro.

Devo abrir um parentesis n'esta altura, para dizer o seguinte, em nome da verdade e da justiça: em Pomares, o regedor, Antonio dos Santos Rosa, estabelecido com loja de vinhos e mercearia, julgando vêr entre nós um seu parente, aproximou-se para cumprimentá-lo, verificando então o seu engano. Entretanto entabolámos conversação e cheguei ao conhecimento de que é elle um elemento apreciavel de propaganda democratica, a que faz prova o estado civico dos moradores da terra, que me appareceram, sem excepção das proprias mulheres, livres de fanatismo e de retrocesso e comprehendidos na firme convicção de defêsa das instituições vigentes, obra salutar esta que me informaram ser devida em grandissima parte ao citado Antonio dos Santos Rosa.

De Pomares, ás cinco horas e minutos da tarde, iniciámos o regresso, que teve uma curta solução de continuidade na altura da estrada que côrta para Goio, um alto sobranceiro ao Barril, cuja situação ou posição geographica domina por inteiro.

Esta aldeia, formada por tres casas, possui uma ponte, no Alva, que a fertilisa e uma escola modelo para os dois sexos, em construcção.

Falei com o professor, Jorge, que não me desagrado, e a quem ouvi tecer encomios. A professora actual é sua esposa.

Ha no Barril, perto da ponte, uma bica a espadanar, de dentro de um vaso de pedra que lhe consagra o nome, e á beira da estrada, que liga a localidade á antiga vila de Côja, existe um palacete que desperta a attenção do viajero e me disseram pertencer a homem nado e creado ali, amante do solo natal, que em terras brazileiras adquiriu e mantem fortuna prospera.

Do Goio, descemos ao Barril, apêámos os companheiros alegres e felizes, despedimo-nos com o fraternal abraço, indubitavelmente sincero, e volvêmos a Côja com a noite, e com o simultaneo regresso da philarmônica local que, n'aquelle dia, fôra convidada para uma festa, em logarêjo proximo.

Todo o passeio, de longo percurso e de longas horas, que acabo de indicar, apenas representou, quanto a transporte, sob o ponto de vista economico, o modico dispendio total de 3\$500 réis!

Fiquei cheio de orgulho de nacionalidade e de ardor de portuguez, amavel, em presença dos quadros seductores de vegetação e de luz, de penedia e de contôrno, magestosos e aprumados, que a Natureza caprichou em distribuir com tanta generosidade em taes logares, que a serra da Estrella dignifica e a indole humana torna queridos.

N'este domingo, 21 de julho, que jámais olvidarei, foi esplendido o sol, de luminosidade calorifica; de bonança, a aragem perfumada; e de aspecto prazenteiro, revelador de esperanças cariciosas, a animalidade racional, excepto... houve excepção destoante... na vetusta e medieval Avô, na celebrada Villa Cova que, em consciencia, precisam e reclamam o verbo authenticamente da pura democracia, o pharol guiador de emancipação liberal, genuinamente illustrada!

## A Feiticeira

Tradição faialense

(Inédito)

Junto á ribeira que dos montes corre  
Quando o inverno amontôa as nuvens negras  
E morrem pelo campo as tutinegras,  
Sem o calor do sol, que tambem morre,  
Uma casinha se ergue ennegrecida  
Pelo açoite da chuva impetuosa;  
Ali outrora palpitou a vida,  
Como no roseiral palpita a rosa.  
Pardos, os ramos nus de uma figueira  
Sobem ao ar em curvas caprichosas  
E descem pelas ribas argilosas  
Ao leito pedregoso da ribeira.  
Mas quando chega a estação florida  
E o sol inunda a terra de esplendores,  
Com eles desabrocha uma roseira  
Que no chão do portal derrama flores.  
Ali tambem desabrochou um dia  
Florinda, a quem chamavam feiticeira;  
Dera lhe o nome uma gentil maneira  
Com que ela fascinava quem a via.  
Cheia de singeleza insinuante,  
Tinha no olhar scintillações de estre'a;  
Por isso a gente lhe chamava, ao vê-la,  
Feiticeira. Mas como o diamante  
Que em nativo jazigo o brilho oculta,  
Ela cregou da mocidade ao termo  
Na sombra solitaria do seu ermo,  
Na terra onde nasceu e que a sepulta.

Como quando a montanha se descora,  
E risca a neve os enrugados flancos,  
A rapariga tão gentil de outrora,  
Velhinha já, apresentava agora  
Riscos de neve nos cabelos brancos.  
Assentada ao portal quando o poente  
Os seus ultimos raios manda á terra,  
Via a sombra alargar-se pela serra  
E alargar-se tambem saudosamente  
A visão que o passado lhe descerra.  
E entre os sonhos que o tempo desfizera  
Recorda as vivas, perfumadas flores  
Que teceram na sua primavera  
A grinalda gentil dos seus amores.  
Nisto lhe repousava o pensamento;  
Ficava á porta até que a noite vinha,  
Vendo as nuvens levadas pelo vento,  
Depois picar de luz o firmamento,  
A' maneira que a noite se avisinha.

A nova geração não conhecera  
Da feiticeira a antiga formosura,  
Embora o olhar vivaz não fenecera  
Nem as curvas gentis dessa figura.  
Ela, de quem se sentia ufano  
O coração que retivesse prêso,  
Foi se tornando, emfim, ano após ano  
Um triste objecto de odio desumano,  
De receio, de insulto e de desprezo.  
Lapidam-na. Em tempos mais felizes  
Lhe ofereciam flôres perfumadas;  
Depois, flôr que perdeu haste e raizes,  
Mostra na face rôxas cicatrizes  
Da dôr insultuosa das pedradas.  
Era voz que da casa onde morava  
Por alta noite de luar saíam  
Feiticeiras subteis que se metiam  
Nas aguas da ribeira que passava.  
E ela só, sem ninguem que se lhe prenda  
Aos fios de cristal das suas maguas,  
E que horribes visões no pensamento,  
Nas noites negras ao gemer do vento  
E ao som soturno do correr das aguas!

Entre as visões sinistras um espectro  
Formidavel os braços extendia,  
Como indicando á pobre feiticeira  
O leito tumultuoso da ribeira;  
Num largo gesto funebre dizia:  
«Não entendes as vozes da corrente  
Que procurando o mar foge lá fóra?  
O mar sepulcro azul e transparente  
Das perolas do pranto de quem chora.  
A terra horrivel onde o mal assombra,  
Fulcro de dôr num infernal tumulto,  
Que te dá ela? Oprime-te na sombra  
Ao pêso da miseria e do insulto.  
Foge! Não ouves o fugir das aguas  
Que o céu não prende nem a terra algema?  
A vida é feita de profundas maguas;  
Procura tu na morte a paz suprema.»  
E fóra, o marulhar das aguas turvas  
Como que estas palavras repetia,

Fugindo e embaraçando-se nas curvas,  
Como quem foge em sonho de agonia.  
A sugestão febril do pensamento  
Mudava, num supremo paroxismo,  
A loucura cruel do sofrimento  
Numa fatal fascinação do abismo.  
A feiticeira no seu toco leito  
Sentia o coração bater revoltado;  
Um suor frio lhe alagava o peito  
E lhe corria do cabelo solto.  
Na lividez da agitação anciosa,  
Os olhos, de uma estranha profundidade,  
Davam-lhe uma expressão misteriosa  
De lugubre agonia e de beleza.  
Saltou ao chão, saindo mal segura...  
Que ideias leva? Quem pudera lê-las!  
Só se ouviu a ribeira em noite escura  
Fugindo á luz gelada das estrelas.

(Faiã).

M. JOAQUIM DIAS.



### PELO MUNDO FÓRA

#### Notas d'um curioso

Andam os meteorologistas algo preocupados com as perturbações que por toda a parte se teem observado no mundo aereo, não se sabendo a que attribuir as grandes baixas de temperatura que se teem notado, a par de temporaes e chuvas, muito prejudiciaes ás vidas e aos haveres.

Primeiro sentiram-se calores medonhos, que até na neveanta Inglaterra produziram algumas mortes; depois vieram as tempestades, que deixaram dolorosas recordações, mormente para a nossa visinha Hespanha, que no Cantabrico perdeu mais de duzentas vidas de laboriosos e intemperatos pescadores.

As cheias do *Valle do Rheno*, além de outros damnos, causaram a perda d'uma reliquia historica, a celebre *Lutherbaum*, a arvore de Luthero, que constituia uma preciosa recordação do tempo da *Reforma*. Diz a lenda que aquella arvore fóra plantada em 1521, no momento em que o reformador comparecia perante a *Dieta de Worms*. Certa mulher defendia contra outra a doutrina nova, e, espetando na terra uma estaca, disse: — «E' tão verdade esta vara pegar e deitar ramos como a doutrina de Luthero ha de durar eternamente.»

E pegou, e cresceu, e viveu quasi quatro seculos. O anno passado, um fanatico, tentára destrui-la com um cartucho de dynamite. O que esse tresloucado não conseguia, fê-lo agora a natureza, destruindo se a si mesma!

Revoltos os elementos, na terra, no mar e no ceu, não é para admirar que a Humanidade esteja soffrendo os reflexos d'essas perturbações, cujas leis o homem avida e persistentemente pretende fixar.

Diz agora um meteorologista inglês que ao frio que estamos sentindo ainda se succederá um calorinho razoavel no mês de setembro.

Será o meio de serem compensados os estabelecimentos thermaes, as praias e as estancias de aguas, dos grandes prejuizos causados pela anormalidade dos primeiros meses do verão.

Apesar das contrariedades do tempo, os povos tanto da Europa como da America teem andado muito irrequietos, sem comtudo chegarem ás ultimas, a não ser a Italia e a Turquia, que continuam a lutar, sem chegarem ao momento decisivo. As potencias, cansadas da expectativa em que se encontram, e recosas de que rebente inesperadamente a famosa *questão do Oriente*, tratam de fazer a aproximação das duas rivaes.

Foi esse, decerto, o assumpto da visita do sr. Poincaré a São Petersburg, a qual despertou indescriptivel jubilo entre os dois paizes, já de ha muito unidos.

A visita de agora foi precedida da negociação em Paris d'uma convenção naval que completou a convenção militar de 1892. Aquella foi levada a effeito em julho pelo almirante, chefe do estado maior e general da marinha russa, principe de Lieven, confirmando o alcance do programma naval russo, que virá a dotar o mar Baltico com uma esquadra importante, pelo papel que pôde vir a ter no caso d'um conflicto geral.

A viagem de Poincaré veio fortalecer ainda mais os laços da alliança franco-russa, o que determinou, por parte da Allemanha, certas mostras de mau humor, embora usasse de extrema cortezia ao cumprimentar nas suas aguas o cou-

raçado *Condé*, que transportava o glorioso estadista da França.

Cronstadt e Toulon são os dois extremos da cadeia potente que liga as duas grandes nações, ás quaes a atilada e forte Inglaterra dá todas as garantias de paz duradoura.

O successor do conde de Aehrenthal, o conde de Berchtold, ministro dos negocios estrangeiros da Austria Hungria, tem sido muito discutido pela attitude que tomou em face da guerra entre a Turquia e a Italia, apresentando uma proposta que consta de duas partes: 1.<sup>a</sup> aconselhar a Turquia a consentir na execução de largas medidas de descentralisação a favor das nacionalidades não musulmanas; 2.<sup>a</sup> aconselhar ás potencias balcanicas calma e moderação na sua attitude em face do imperio ottomano.

Consideram todos que a salvação da Turquia depende principalmente da autonomia administrativa de cada uma das nacionalidades que constituem o territorio do imperio, estabelecendo a federação de todas essas nacionalidades, ligadas livremente a um poder central estabelecido em Constantinopla, o qual velaria pela salva guarda dos interesses realmente communs.

A Joven-Turquia, seguindo doutrina opposta, naufragou na sua missão, pois quiz realizar a unidade moral do imperio no sentido do *turquismo*. Era uma tarefa impossivel e absurda, se se tiver em attenção que quatorze nacionalidades vivem sob o dominio turco; que ellas estão divididas por questões de raça, de lingua, de religião; que todas se distinguem por seus costumes, suas tradições e aspirações.

A Albania tomou a deanteira a todas as outras exigindo do governo immediata descentralisação, o que parece lhe foi já concedida, bem como o reconhecimento da lingua, criação de escolas e lyceus.

Ha porém dois pontos em que o governo não concordou: o fornecimento aos albaneses de espingardas de repetição, e a instauração de processos contra os membros dos gabinetes Hakki pachá e Said pachá. O primeiro, se o governo accedesse, crearia um perigo permanente, em vez de o afastar; o segundo, só um parlamento, especialmente convocado, poderia resolvê-lo.

O governo actual, para abrandar os animos dos albaneses, que ameaçaram marchar sobre Constantinopla, teve que dissolver o parlamento, contra a vontade dos *jovens turcos*, cujo prestígio diminuindo de dia para dia. Apesas d'isso ainda garantiam que iriam reunir se em Salonica, mas... limitaram se a espalhar um manifesto em que recomendam calma.

Se a agitação intensa da Turquia é grave, os perigos externos não são porém mais benignos, pois que na Servia, na Bulgaria e no Montenegro lavra grande animadversão contra a Turquia, porque as tropas fronteiriças teem feito incursões de que resultaram muitos mortos de parte a parte.

Em Sofia o povo reclama, em ruidosos comícios, a guerra contra a Turquia, porque, tendo explodido algumas bombas em *Kotchana*, na Macedonia, os turcos attribuiram-nas aos revolucionarios bulgaros, e immediatamente cahiram sobre elles, produzindo uma hecátombe horrivel.

O governo de Cettigne quer arriscar um lance decisivo, e crê se que o rei já assignou a ordem de mobilisação do exercito. Ora, é conveniente recordar que o Montenegro beneficia da convenção militar concluida em 1908 com a Servia, e pela qual esta nação seria obrigada a sustentar aquella numa guerra provavel contra a Turquia. Por outro lado, existindo uma *entente* entre a Servia e a Bulgaria — e esta bem deseja a guerra — é muito para recelar que a lucta tome um caracter geral, se entretanto o Montenegro e a Turquia não chegarem a uma solução amigavel por via diplomatica.

Chega a vez de intervirem as grandes potencias e a proposta do conde de Berchtold tenderia a esse resultado caso fosse accete pela Turquia, o que aliás não succedeu, com pesar manifesto da Austria que buscava um optimo pretexto para entrar no concerto europeu, de que anda de ha tempo um pouco afastada.

O ministerio turco soffreu já algumas recomposições, sabindo elementos affectos ao partido *União e progresso*. Espera se que *Mukhtar pachá*, vendo seus esforços impotentes para debellar tão grave situação, dará a sua demissão, succedendo-lhe *Kiamil pachá*, cuja influencia parece progredir de dia para dia.

#### JUBILEU DO CZAR DA BULGARIA

A Bulgaria festejou ruidosamente o jubileu de seu monarca, que subiu ao throno em 11 de agos-

to de 1887, tendo adquirido enorme popularidade em toda a nação, cujo desenvolvimento se accentua de dia para dia, de modo a constituir hoje uma grande potencia militar. O rei Fernando de Saxe Coburgo-Gotha é filho da princesa Clementina de Orleans e neto do rei Luis Philippe; foi o accaso que o levou á Bulgaria. Ninguém o conhecia ali, quando a *Sobranie* (parlamento) de *Tirnovo* (antiga capital) o elegeu. Não teve portanto as aclamações ruidosas d'estas solemnidades, sentindo até difficuldades no seu reconhecimento pelas outras nações. A Turquia, por exemplo, só lhe reconheceu a existencia nove annos depois, isto é, em 1896. O rei Fernando conseguiu no entanto vencer todas as difficuldades, captando as sympathias de Constantinopla, de Vienna, de Paris, de Berlim, de Londres e de São Petersburgo.

Em 1908 tornou se soberano independente, czar dos bulgaros. Seus subditos, que aliás não são muito prodigos em aclamações, comprehenderam quanto lhes deviam. Dispõe d'um exercito fortissimo, bem adextrado, disciplinado e consciente do papel que lhe pôde caber no dia de amanhã. O herdeiro do throno é o principe de Tirnovo, de 18 annos.

#### FALLECIMENTO DA DUQUEZA DE GENOVA

A duqueza Elisabeth de Genova, princesa de Saxe, morreu a 15 do corrente em Stresa, com 82 annos, pois nascera em Dresde a 4 de janeiro de 1830. Casou em primeiras nupcias em 22 de abril de 1850 com o principe Fernando de Saboya, duque de Genova, que era filho do rei Carlos Alberto da Sardenha, que veio a fallecer na nossa cidade do Porto, apoz a derrota de Navarra. O principe Fernando era irmão do primeiro rei de Italia — Victor Manuel.

O duque de Genova falleceu em 20 de fevereiro de 1855, deixando dois filhos do seu casamento com a duqueza: a princesa Maria Margarida (actualmente rainha viuva), que desposou seu primo Umberto, principe do Piemonte e depois rei de Italia, e o principe Thomaz, duque de Genova, que casou com uma princesa da Baviera.

A duqueza de Genova casou morganaticamente em Stresa, em 1856, com Niccolo, marquez de Rapallo, que falleceu em 27 de novembro de 1882. A duqueza era tia do rei de Saxe — Frederico Augusto III.

#### CENTENARIO DE HENRI CONSCIENCE

Anvers, a cidade dos cortejos faustosos, festejou solemnemente o centenario do maior escriptor belga, aquelle que melhor soube interpretar o caracter flamengo. As obras de H. Conscience consubstanciam toda a historia de Flandres, e os romances historicos d'esse grande escriptor popular forneceram o thema para os grupos mais interessantes e mais patrioticos do cortejo. *L'Anne des merveilles*, representa a historia dos *Gueux*, em lucta contra a Hespanha (1566) para a conquista da liberdade religiosa; as *Kerels des Flandres*, em que se evoca a grande lucta de 1125 e 1127; o *Lion de Flandres*, cujo assumpto é a grande lucta das communas contra a cavallaria francesa, que terminou em 1302 com a *journee des eperons*, na planicie de *Groningue*. O romance *Jacques van Astevelde* representa o triumpho das communas, symbolisado no cortejo por um carro admiravelmente disposto; e finalmente a *Guerre des paysans* em que se reproduzem as luctas sustentadas pelos camponeses flamengos contra os soldados da primeira republica francesa.

#### UMA GRANDE CATASTROPHE NO HAITI

Uma grande explosão seguida de incendio, que alguns attribuem a adversarios do presidente, poz em chammas o palacio presidencial, onde morreram mais de cem militares e outras pessoas, entre as quaes o proprio presidente da republica, bem como seu filho, que era ministro das obras publicas. O fallecido — Jean Joseph-Desa-

lines-Michel-Cincinnatus-Leconte — tinha 42 annos, era um espirito disciplinador e educado, tendo estudado na America e na Inglaterra. A elle se deve o grande desenvolvimento de Port-au-Prince, e foi sob a sua curta presidencia que a republica do Haiti fruiu alguma tranquillidade e adquiriu sensivel desenvolvimento, a que desde ha muito não estava habituada.

A camara e o senado haitianos elegeram o successor, general Tancredo Augusto, de 56 annos, rico proprietario de canna d'assucar e que já foi ministro do interior.

J. A. MACEDO DE OLIVEIRA.



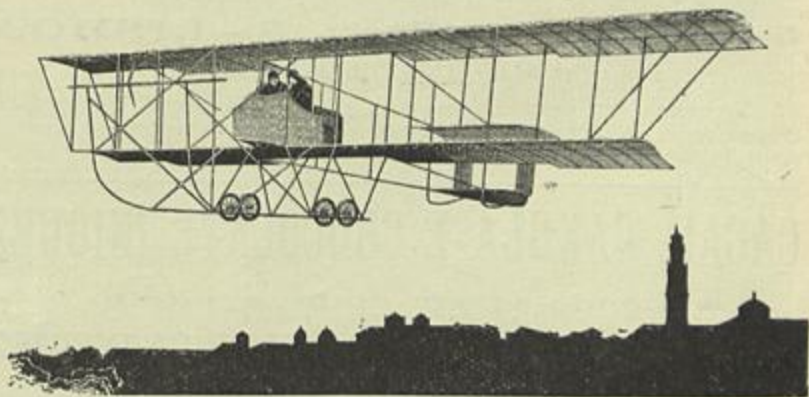
A Luz — *Discuso oferecido aos Liceus e á Universidade de Lisboa, precedido de uma alocução da presidencia da Republica*, por Alfredo Ansúr. Centro tipografico Colonial, Lisboa, 1912. Folheto de 54 pags. in 8.<sup>o</sup> illustrado com os retratos de Newton, Madame Lepaute e Syrius e a sua companheira. O sr. dr. Alfredo Ansúr produziu uma composição poetica a que chamou *discurso*, dividindo-a em vinte e seis capitulos assim denominados: *Um Calis de Luz*; *Gorgeios de Phelemelas*; *O patriarca dos Astronomos Portuguezes*; *Historia e principaes leis da Astronomia*; *Indole de Urania*; *Teoria da formação dos Mundos*; *Nebulosas*; *Estrelas e Cometas*; *Genealogia da Especie Humana*; *Luz Revolucionaria*, composta de duas partes: *O Governo Provisorio e a Europa*, *As primeiras leis do Provisorio*; *Luz Presidencial*, composto de cinco partes: *Prudencia Politica*, *A Doutrina de Sakiamuni*, *Os 18 Rubis d'um Presidente*, *Epinicio Baddhico contra o Desejo*, *Contra os Lisongeiros-Ambiciosos*; *Manuel e Lucrecia*; *Os Viajantes Misteriosos*; *Os Cegos*; *Himno da Luz*. Esta ultima composição é dedicada ao Presidente Arriaga e das mais inspiradas do sabio poeta.



#### O primeiro aeroplano em Portugal

A Creche *O Comercio do Porto*, fundada por iniciativa do nosso colega *O Comercio do Porto*, acaba de adquirir um biplano Farman-Maurice, tipo mi itar.

Este biplano é de 15 metros de envergadura, velocidade de 80 kilometros á hora, motor Renault, de 70 cavalos, podendo transportar a carga util de 300 kilos e será por estes dias exposto ao publico no Palacio de Cristal e executará diversos vôos, sendo o produto destinado a acrescen-



AEROPLANO FARMAN-MAURICE

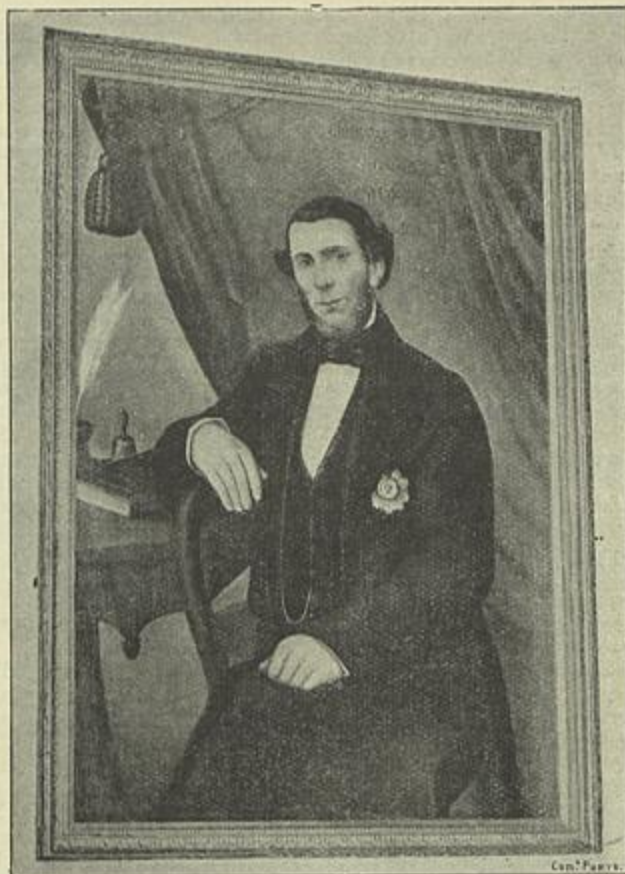
tar o fundo da Creche *O Comercio do Porto* cuja frequencia de creanças augmenta dia a dia porque as mães, que se occupam na faina do rio Douro, comprehenderam os grandes beneficios da prestante instituição.

O biplano da Creche *O Comercio do Porto*, representado na gravura que hoje publicamos, é dos tipos mais aperfeçoados e de grande estabilidade. Farman considera-o um dos aparelhos mais perfectos sahidos das suas officinas. E' igua aos que o governo de Italia acaba de adquirir.

Um aviador dos mais experimentados, mr. Leol



D. MARIA ROSA DE JESUS CARVALHO



COMENDADOR ANTONIO PINTO DE CARVALHO

FUNDADORES DO ASILO DE OLIVEIRA DE AZEMEIS

poldo Trescartes, emulo de Vedrines, Paulham e Garros, vem realizar os vôos com o aparelho.

As experiencias fôram feitas em Buc, com pessimo tempo e, apesar d'isso, deram o melhor resultado.

O aparelho levantou-se serenamente, pilotado por Farman, conduzindo a bordo tres passageiros, entre eles um official francês e, depois de ter percorrido alguns kilomentros em circuito fechado, veiu pousar no ponto donde partira.

Isto deixou gratamente impressionadas as pessoas que assistiram ás experiencias, especialmente o sr. dr. Cisneiros Ferreira, correspondente do *Comercio do Porto*, em Paris, que cooperou valiosamente na aquisição do biplano.

E' muito de louvar a iniciativa do nosso res-

peitavel colega portuense que, por fôrma tão bizarra e para fim tão altruista, vae introduzir em Portugal o primeiro aeroplano.



### Asilo de Oliveira de Azemeis

#### Os seus fundadores

Já se referiu o OCCIDENTE ao novo edificio em que ha pouco foi instalado o Asilo da Infancia Desvalida de Oliveira de Azemeis.

De justiça é render homenagem aos benemeritos que, em 1856, fundaram aquela instituição simpatica e prestimosa e a dotaram largamente.

Foram a sr.<sup>a</sup> D. Maria Rosa de Jesus Carvalho e seu primeiro marido o sr. comendador Antonio Pinto de Carvalho, cujos retratos hoje publicamos.

Quando as instituições desta natureza eram raras em Portugal, os dois prestantes oliveirenses lembraram-se de fundar um asilo para as creancinhas desvalidas, demonstrando assim um grande amor pela sua terra natal.

E não só o fundaram como o dotaram de modo a poder ter vida prospera e desafogada.

A sua memoria tem jús ás homenagens dos vindouros.

## Atelier Photo-Chimi-Graphico

F. MARINHO & C.<sup>a</sup>

5, Calçada da Gloria, 5 - LISBOA

NUMERO TELEPHONICO, 1239

Trabalhos em todo o genero de gravura, autotypia, zincographia chromotypia, etc. Especialidade em photogravuras. — Os preços mais baratos do paiz, em todos os trabalhos. Execução perfeita.

## CACAU, CAKULA E CHOCOLATE INIGUEZ

Vende-se em toda a parte

BOMBONS E NOUGAT DA FABRICA INIGUEZ

**Kilo 1:500 réis**

Os bombons da fabrica Iniguez levam a marca

Exigir pois esta marca

em todos os estabelecimentos



## CHOCOLATE—CAKULA

Novo producto reconstituente e valioso alimento adaptado a todos os organismos, como se prova com a analyse de garantia

Pacote de 500 grammas, 600 réis

## NOVIDADE LITTERARIA

### A CRUZ MYSTERIOSA

Romance sensacional por **Julio Rocha**

À VENDA NAS PRINCIPAES LIVRARIAS

Deposito na livraria J. Rodrigues & C.<sup>a</sup>, RUA AUREA, 18<sup>a</sup>, 188, onde devem ser dirigidos todos os pedidos.

Onde todos devem comprar **SAPATARIA PORTUGAL**

DE A. Almeida e Costa

Rua dos Poiaes de S. Bento, 27 a 27-A — LISBOA

## PARA LEVANTAR OU CONSERVAR AS FORÇAS

Vinho Nutritivo de Carne de Pedro Franco & C.<sup>a</sup>, Lisboa. Unico legalmente auctorisado pelos governos e auctoridades sanitarias de Portugal e Brazil e premiado com *Medalhas d'Ouro* em todas as exposições. Centenares dos principaes medicos garantem a sua effiacacia na *debilidade*, na *pobreza do sangue* (anemia), na *convalescença de todas as doenças* e sempre que é preciso *levantar as forças*. E' muito usado ao *lunch* e ao *toast* pelas pessoas de constituição fraca e pelas robustas, que teem excesso de trabalho intellectual ou physico. Um calix d'este vinho representa um bom bife. A' venda nas pharmacias.

## Capas para a encadernação dos volumes do «OCCI- DENTE»

Em percalina com lettras a ouro,  
encadernação de luxo

Ha capas para todos os annos,  
eguaes na cor para collecções.

Capa 800 réis  
Capa e encadernação 1\$200